



CONTRA-CORRENTE

A análise da conjuntura econômica na visão e linguagem do sindicalismo classista e dos movimentos sociais

Boletim mensal de conjuntura econômica do ILAESE

Ano 05, Nº 60 - Outubro de 2015

A crise na indústria e a saída operária

por Durval Wanderbroock Júnior

A crise na indústria do Brasil hoje é indiscutível. Jornais, revistas e programas de TV comentam isso exaustivamente. O que se omite nessas informações são quatro questões essenciais.

A primeira, de que na raiz dessa crise está um aprofundamento do papel subalterno do Brasil na divisão internacional do trabalho. Ou seja, o Brasil está se tornando cada vez mais uma colônia, em razão da qual produz cada vez menos produtos manufaturados para produzir cada vez mais

produtos primários.

A segunda coisa, que está relacionada à primeira, é que a indústria brasileira está cada vez mais desnacionalizada, isto é, cada vez mais a tecnologia, as máquinas e os produtos industrializados pertencem aos acionistas estrangeiros.

A terceira coisa ausente nos comentários da imprensa, é que o caráter da economia brasileira é cada vez mais financeirizado e parasitário, isto é, cada vez mais os bancos mandam na economia em detrimento do desenvolvimento industrial.

Por fim, o que

ninguém praticamente fala na TV é que quem está pagando essa conta é a classe trabalhadora.

Nos Boletins Contra-Correntes (BCC) 58 e 59 já iniciamos uma discussão sobre a crise e quem está pagando por ela. No presente BCC, queremos retomar essa discussão, com ênfase mais no setor da indústria.

Esperamos que a leitura do presente BCC ajude a classe trabalhadora, especialmente do setor industrial, a encontrar alguns elementos que fortaleçam seus argumentos em defesa de seus interesses.

Cai indústria, cresce agricultura

Desde o início do ano, o acumulado da queda da indústria brasileira já é de 6,9%

A produção industrial no Brasil não pára de cair. Tomando por base o mês de agosto, segundo dados do IBGE, a indústria em geral apresentou uma queda de 6,9% no ano de 2015. No acumulado dos últimos 12 meses, a queda foi de 5,7%. Em compensação, há um crescimento do setor agrícola, que terá um aumento em 2015 de 1,4% no total de área colhida em comparação ao ano anterior, também segundo o IBGE. Confrontando a safra de 2015 em face à de 2014, a produção de cana de açúcar, por exemplo, terá um crescimento de 2,9%, a de laranja de 9,5% e a de soja um avanço de 12,2%. Estes indicadores demonstram que o Brasil continua se tornando um celeiro do mundo, e não uma potência industrial.

Indústria desnacionalizada

Outro fator responsável pela crise na indústria é que a

economia brasileira é cada vez mais dominada pelo capital internacional, especialmente o estadunidense. Para se ter uma idéia, o IED (Investimento Estrangeiro Direto), responsável pela aquisição parcial ou total de empresas brasileiras por multinacionais estrangeiras, saltou de US\$ 25,9 bi em 2009 para US\$ 62,5 bi em 2014, segundo IPEADATA. Isso quer dizer que cada vez mais a economia

brasileira está nas mãos dos estrangeiros. O quadro abaixo dá um panorama dos principais domínios do capital estrangeiro sobre a indústria brasileira, segundo a Revista Exame.

Financeirização da indústria

É cada vez maior o papel dos bancos no controle da indústria nacional. Para efeito de ilustração, segundo a “Fusões & Aquisições”,

das 55 transações realizadas no mês de setembro de 2015, 83,6% delas foram feitas por investidores estratégicos (leia-se acionistas e especuladores). Um exemplo disso foi que a maior transação em setembro foi a participação do banco BNDESPar, do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social), que levantou cerca de R\$ 1,5 bi na venda de ações da JBS, um dos maiores grupos da indústria de alimentos do país. É por isso que, mesmo em meio à crise, somados os quatro maiores bancos do país, os lucros bateram recorde de crescimento de 40% no primeiro semestre de 2015 comparado ao mesmo período de 2014. É a indústria totalmente financeirizada, graças à política econômica do governo que prioriza os lucros dos bancos, com medidas como o aumento da taxa básica de juros, a Selic, e os cortes no orçamento público.●

CONTROLE ESTRANGEIRO	
Setor	%
Montadoras	100%
Setor eletrônico	92%
Autopeças	75%
Telecomunicações	74%
Setor farmacêutico	68%
Indústria digital	60%
Setor de bens de capital	57%
Petrobrás*	55%
Setor de bens de consumo	55%
Siderurgia e metalurgia	50%
Petroquímica	47%

*sobre capital total da empresa

fonte: Revista Exame

Indústria ainda fatura alto

Mesmo na crise, as multinacionais continuam enviando seus lucros para o exterior

Ainda que os lucros das empresas tenham caído, o faturamento na indústria ainda continua alto. Peguemos como exemplo 4 setores metalúrgicos para exemplificar.

Se fala muito em queda de vendas, mas nada se diz que cada trabalhador gasta entre dois ou quatro dias da semana para pagar seu próprio salário e o restante dos dias é embolsado pelos patrões como lucro.

Mesmo na crise, as multinacionais continuam enviando seus lucros para o exterior. Só as montadoras, por exemplo, graças à ajuda do Governo Federal, enviaram cerca de US\$ 884 milhões para suas matrizes

no exterior, segundo o jornal Valor Econômico. Esse montante é superior ao usado por três montadoras para a construção de novas fábricas no Brasil: a fábrica da Hyundai em Piracicaba (R\$ 1 bi), da Toyota em Sorocaba

Setor	Nº de empregados (as)	Faturamento anual*	Faturamento per capita anual
Autoveículos	117.669 (até setembro, segundo ANFAVEA)	R\$ 225 bi	R\$ 1,9 milhão
Eletroeletrônico	263 mil (projeção ABINEE)	R\$ 178 bi	R\$ 676,8 mil
Bens de Capital Mecânico	330 mil (dados ABIMAQ)	R\$ 85,7 bi	R\$ 259,6 mil
Autopeças	165 mil (projeção SINDPEÇAS)	R\$ 62,9 bi	R\$ 381,2 mil

* projeção 2015

fonte: ANFAVEA; SINDPEÇAS, ABINEE; ABIMAQ - Elaboração ILAESE

(R\$ 1 bi) e da Chery em Jacaré (R\$ 700 mi). Se estão enviando milhões para suas matrizes, é porque ainda tem gordura pra queimar.

Operários estão pagando pela crise

O grande prejudicado com a crise até aqui é a classe trabalhadora. Segundo IBGE, em julho de 2015, o número de horas pagas aos trabalhadores da indústria apontou recuo de 1,2%

frente ao mês imediatamente anterior, acumulando nesse período perda de 4,6%. Além disso, o rendimento dos trabalhadores continua caindo. Só na cidade de São Paulo, das pessoas ocupadas, o rendimento médio real passou de R\$ 2.358,80, em agosto de 2014, para R\$ 2.223,90 em agosto de 2015, uma perda de R\$ R\$ 134,90.

Com menos dinheiro no bolso, o consumo das famílias também despencou,

chegando a um saldo negativo de 1,5% em 2015 comparado ao ano anterior, segundo dados do Banco Central. Isso pode se agravar, já que a inflação não para de crescer. O valor da cesta básica em Porto Alegre, por exemplo, está custando R\$ 385,70, segundo DIEESE. Em Curitiba, o aumento da cesta no ano foi de 12,88%. Em São Paulo, no mês de setembro o valor da cesta comprometeu 52,86% do salário mínimo líquido.

Sem renda suficiente para viver, os (as) trabalhadores(as) são forçados a se endividarem. Segundo a CNC (Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo), em agosto foi registrado 62,7% das famílias brasileiras endividadas. A maior parte das dívidas é com cartão de crédito (77,7%). 22,4% das famílias estão inadimplentes, sem condições de pagar as dívidas.●

Demissões em massa

Entre outubro de 2014 e junho de 2015 foram 324 mil os postos de trabalho ceifados, uma média de 40,5 mil demissões por mês.

Além de pagar com o bolso, a classe trabalhadora também paga com seu próprio emprego. O número de desocupados no Brasil continua subindo. Na indústria em geral, o índice de ocupação teve queda consecutiva nos últimos três trimestres de 2014 a 2015.

Comparado à média de 2014, em 2015 a queda na ocupação foi de 5,5%. Entre outubro de 2014 e junho de 2015 foram 324 mil os postos de trabalho ceifados, uma média de 40,5 mil demissões por mês. São milhares de pais e mães de família sendo atirados na rua da amargura para que os empresários consigam manter sua taxa de lucro.

A saída do governo e das centrais sindicais pelegas

A crise é o momento em que os trabalhadores estão mais vulneráveis. Como já demonstramos no BCC 59, o governo já escolheu o lado, beneficiando os patrões

com as desonerações fiscais. Segundo a pesquisa, só no primeiro mandato o governo petista tirou R\$ 60 bilhões das contribuições sociais para garantir os incentivos fiscais das empresas. As renúncias fiscais do governo saltaram de 3,68% em 2011 para 4,76% do PIB em 2014, aponta o estudo.

Já as centrais sindicais pelegas, como CUT e Força Sindical, defendam saídas como o PPE (Programa de Proteção ao Emprego), conhecida também como Programa de Proteção ao Patrão, na qual propõe que os trabalhadores reduzam sua jornada e seus salários para que as empresas não

percam sua rentabilidade.

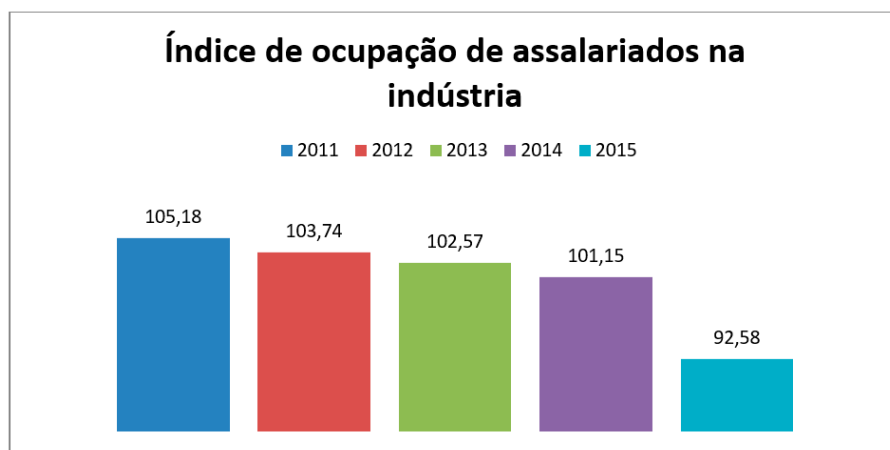
A saída é outra!

A saída é a luta

Em resposta a esse cenário, é preciso que a classe trabalhadora coloque o time em campo, de forma independente do governo e dos patrões, unificando suas lutas numa grande campanha por mais salários, direitos e empregos. É hora de virar o jogo! É hora de empunhar algumas bandeiras, como a estabilidade no emprego; a redução de jornada, sem redução de salários ou direitos; a nacionalização das empresas que demitem em massa; a taxação das grandes

fortunas; a cobrança de um imposto progressivo sobre os lucros das multinacionais instaladas no Brasil; a proibição da remessa de lucros para serem reinvestidos no país; e a criação de um pólo industrial, estatal, articulado entre os principais setores industriais do país para ordenar a economia na construção de casas, escolas, hospitais, saneamento, transportes metroferroviários públicos e alimentação para a população trabalhadora.

Somente medidas de fundo podem recolocar o Brasil no caminho do desenvolvimento econômico e social. ●



fonte: Portal da Transparência

EXPEDIENTE

Contra-corrente é uma publicação mensal elaborada pelo ILAESE para os sindicatos, oposições sindicais e movimentos sociais. **Coordenação Nacional do ILAESE:** Antonio Fernandes Neto, Arthur Gibson, Bernardo Lima, Daniel Kraucher, Daniel Romero, Eric Gil Dantas, Érika Andreassy, Fred Bruno Tomaz, Guilherme Fonseca, José Pereira Sobrinho, Juary Chagas, Nando Poeta e Nazareno Godeiro. **Contato:** Praça Padre Manuel da Nóbrega, 16 - 4º andar. Sé - São Paulo-SP. CEP: 01015-000 - (44) 9866-4719 - (11) 7552-0659 - ilaese@ilaese.org.br - www.ilaese.org.br. CNPJ 05.844.658/0001-01. **Diagramação:** Phill Natal. **Editor responsável:** Eric Gil Dantas.